

I Feira Literária Brasil-África (FLIBAV) - Feira Literária Brasil-África Vitória, Espírito Santo

13 e 14 de novembro de 2013

Universidade Federal do Espírito Santo

A IDENTIDADE AFRICANA: QUE CAMINHOS?

Paulina Chiziane¹

Antes de mais agradeço a oportunidade de participar nesta conferência, pois é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de nova consciência, que nos conduz à libertação dos africanos e afrodescendentes. Nós também em Africana buscamos a nossa identidade tal como acontece aqui no Brasil entre ao afrodescendentes.

O meu país, Moçambique, independente a menos de 40 anos, precisa destes espaços para refletir sobre si mesmo e trocar experiências sobre os caminhos que devemos seguir juntos na busca da nossa identidade. Enquanto nas américas os negros eram escravizados, nós eramos colonizados em África, perdendo a identidade dentro do nosso próprio território. A violência da colonização apagou muitos traços da nossa essência. Se perguntar hoje, alguma coisa sobre a história de África a um moçambicano, é comum ouvir a seguinte resposta: *'desde o tempo colonial que'...* Não consegue visualizar o passado histórico do seu continente. Fala do tempo colonial como se este fosse o ponto de partida de toda a sua existência. É como se não houvesse nada antes da colonização. Mais grave ainda, é como se o colonialismo fosse o criador das nações africanas. Lógico. O colonialismo se esforçou por apagar tudo: a história, a memória, a humanidade, a dignidade, a vida, a transcendência. Por isso é de louvar, a realização de conferências desta natureza que nos ajudam a despertar e a lutar de mãos dadas na reconstrução da nossa identidade.

A identidade nacional faz parte da agenda da criação da nação moçambicana. Aos poucos, mas de forma tímida, vão surgindo estudos que nos conduzem, de forma por vezes difusa às raízes da nossa história. Por incrível que pareça, no meu país, falar de africanismo é quase um tabu. Os africanos independentes ainda reproduzem os estereótipos do colonizador sobre si mesmos. Todo o negro que foi submetido à dura repressão colonial, começou a olhar-se com medo de si próprio. Autorreprime-se; fica vigilante de si próprio para não fazer algo que desagrade o opressor. Por temer nova repressão, talvez, adotou o discurso do colonizador. Começou a condenar-se constantemente e a aceitar como verdades, as teorias de quem domina; A repressão foi de tal maneira violenta, que muitos anos depois das independências em África, o cidadão comum parece temer fazer uma reflexão sobre si mesmo, recalçando-se com medo do regresso da repressão da sociedade ocidentalizada. Muitos de nós ainda têm medo de abordar a nossa essência dentro do nosso próprio território. Tudo o que é relacionado ao africano é considerado tradicional e o

¹ Paulina Chiziane, escritora moçambicana, é autora de várias obras como: *Ventos do apocalipse* (1999), *O sétimo juramento*, *Balada de amor ao vento* (2003), *Niketche: uma história da poligamia* (2004), *As andorinhas* (2013), *Por quem vibram os tambores do além?* (2013) este em parceria com Rasta Samuel Pita.

proveniente da Europa, moderno. A religião, a medicina, o pensamento, quando é africano é etiquetado logo de tradicional. Quando é europeu, considerado moderno. Isso ainda nos priva de dar passos em direção a nós mesmos, com medo de sermos vistos como tradicionalistas, atrasados, supersticiosos, etc...

A participação dos africanos nestas conferências é muito enriquecedora. A história de escravidão vivida aqui, por vós aqui nas américas, ensina-nos quem somos, de onde viemos, o que ajuda a traçar os caminhos do futuro. A troca de experiências entre escravizados e colonizados reforça muitos aspetos comuns nas nossas vidas. Um africano, ganha a verdadeira dimensão da africanidade depois de contactar com a história, as lutas, as vitórias e os fracassos dos escravos e dos afrodescendentes, através das diferentes comunicações, palestras, fontes orais sobre a escravidão e dos diversos estudos apresentados nestas conferências. Pessoalmente confesso que, com a participação neste evento me sinto cada vez mais forte, ganho novas energias e experiências para lutar contra a resistência de alguns africanos que julgam que, ser moderno é apenas seguir os caminhos apenas desenhados pela Europa, e lutar pela busca de identidade é um atraso que não merece o nosso esforço. Quase alguém me desanima, recordo as lutas antigas, a minha força vem e me levanto, porque sinto que aqui, no Brasil existem muitos combatentes pela liberdade, que me dão suporte moral e lutam por um lugar mais digno para todos os africanos, onde quer que estejam.

Uma vez, uma amiga afrodescendente da Colômbia, fez o seguinte desabafo: *acho que a África se esqueceu dos seus filhos*. Fiquei triste. Expliquei-lhe que a África estava envolvida noutras lutas. Que a liberdade aconteceu recentemente e não teve ainda tempo para pensar nos seus filhos. Que os negros escravos perderam a identidade fora do território de origem, mas os africanos que ficaram na terra mãe, perderam-na dentro do próprio continente. Que o seu desabafo é sinal de alerta, indicando que se deve fazer o reencontro os africanos da América e os africanos da África. A escravidão e a colonização, acabaram. É tempo de reatar as relações de fraternidade quebradas pelas forças da história.

Como vós, afrodescendentes nas américas, nós também em África, fomos despojados de tudo: da terra, dos nossos nomes, da nossa religião e cultura, enquanto outros eram vendidos como escravos nas diferentes parcelas da América. Diziam-se senhores do mundo, criados à semelhança de um Deus que lhes dava direito de pôr e dispor da vida de todos os seres. Diziam que não conhecíamos Deus e por isso não pertencíamos à classe humana. Esses discursos, foram legitimados pelo poder e pelo clero das antigas colónias; foram sendo repetidos ao longo dos séculos, acabando por ganhar um cunho de verdade, pois é mesmo assim: *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*. Esta mentira, de tanto ser repetida acabou sendo vista como uma ordem natural do mundo. Legitimou as guerras que causaram genocídios, mortes, escravidão, muita dor e sangue.

A visão do eurocêntrica do mundo promoveu a superioridade do pensamento dos colonizadores europeus o que não permitiu dialogar, nem escutar, a voz de dor do continente africano. Em nome da construção do novo mundo fizeram a usurpação do *ter e do ser*²; a África foi dividida em colónias. As crenças e religiões africanas foram demolidas. As várias instituições foram destruídas. A arte de cura e a religião africanas foram perseguidas, proibidas, os seus praticantes mortos ou escravizados. Hoje somos independentes, mas as antigas potências

² Baur, John – 2.000 anos de cristianismo em África.

coloniais continuam a expropriar as mentes, num processo da *usurpação do ser*³. Tal como ontem, a religião vinda do ocidente e de novas potências é ainda usada no branqueamento da mente coletiva, afastando os povos das suas raízes e da sua cultura. Em nome do cristianismo se oprime, exclui, cataloga, e se reprimem práticas culturais positivas dos africanos; em Moçambique se assiste ao fenómeno de desenvolvimento das novas igrejas estrangeiras, trazendo o novo colonialismo que vem em nome da religião.

A descolonização significa libertar a terra e os homens. As guerras de libertação e as independências africanas, reduziram a *usurpação do ter*. Mas a independência total e completa significa a libertação da terra e do homem; a terra está livre, mas as mentes africanas continuam ainda sob o jugo da colonização.

Apesar do apagamento da história, restam sempre vestígios entre os escombros da nossa humanidade. É nesses vestígios que me socorro, removendo as cinzas, para me erguer do chão e seguir os caminhos do meu passado em direção ao futuro. Tal como ontem a melhor arma que se usa para o branqueamento da memória do povo africano é a religião. Há cada dia mais igrejas em todas as parcelas do nosso país, cada uma mais sinistra e espampanante que a outra. O *slogan* é sempre o mesmo: os africanos devem abandonar as suas tradições diabólicas, para ter uma vida melhor, no paraíso, onde nem eles sabem onde fica. Ir ao céu é gratuito, basta deixar de respeitar os antepassados e apaga-los definitivamente da memória. Toda a gente tem acesso a uma igreja, mesmo nos lugares onde faltam as condições mais básicas para a sobrevivência. Em Moçambique toda a gente vai a uma igreja. E o que dizem sobre a África, nessas congregações? E o que dizem as outras bibliografias, incluindo a Bíblia Sagrada?

Provam, os cientistas que, o continente africano, é o único lugar do mundo onde se encontram, todos os indícios da evolução da espécie humana. O *Homo sapiens* surgiu em África talvez a 100.000 anos. Os avanços tecnológicos da humanidade, começaram em África: a agricultura, pecuária, metalurgia, arquitetura, engenharia, urbanização, organização política, medicina, intelectualidade entre outros.⁴ Abrindo o Antigo Testamento, da Bíblia Sagrada, a África é referenciada nas primeiras páginas da génese, mostrando, de forma inequívoca, que a África é o lugar onde tudo começa.

Foi no Egipto que Abraão, e a sua bela mulher Sara ao fugir da fome do seu país, tiveram a generosa oferta de Faraó que os tornou rico em rebanhos, ovelhas, bois, jumentos, servos, servas, camelos, prata e ouro (*génese 12: 10-18*), riqueza que consolidou o seu estatuto de grande patriarca do mundo judaico-cristão.

Foi no Egipto, que nasceu Moisés, um dos maiores percursores da intelectualidade e da religiosidade universal. Educado como um príncipe, pela filha de Faraó, desenvolveu a sua personalidade, tornando-se o primeiro escritor da Bíblia Sagrada, o livro mais lido de todos os tempos.

Foi em África, no Monte Sinai, no Egipto, onde ele ouviu a voz de Deus, inspirando-o a escrever os Dez Mandamentos da Lei de Deus, um dos maiores pilares do cristianismo. Portanto a primeira grande aparição da luz de Deus foi no continente africano. Isto nos leva a concluir: foi do ventre de África que nasceu o grande embrião de uma das maiores religiões universais, o cristianismo.

Foi, do ventre de uma africana de nome Agar, uma escrava egípcia, que nasceu Ismael, primogénito de Abraão, (*génese 25:12*) hoje conhecido como o pai da nação árabe, que muitos

⁴ Ki Zerbo, Joseph – História de África, volume 1

anos depois viria dar linhagem ao surgimento ao Maomé, profeta do Islão.⁵ Isto também nos leva a concluir: do ventre de uma africana, germinou o embrião do islamismo.

Diz ainda um padre católico, Jhon Baur:

O cristianismo em África, não é um acontecimento recente, nem muito menos, subproduto do colonialismo – as suas raízes remontam ao próprio tempo dos apóstolos...A igreja já tinha florescido na margem setentrional daquele continente, durante seiscentos anos antes do nascimento do Islão. Naqueles dias, o Egipto e o norte de África, com os seus teólogos, Santo S. Agostinho e Santo Atanásio, eram os pilares da Igreja Universal. Desafortunadamente, com a ocupação árabe, começada em 640, a expansão do cristianismo, recebeu um duro golpe.⁶

Quem diz que a Africa não tem religião, nem profetismo nem filosofia? De que religião estão a falar, se esta, com que nos oprimem e segregam, nasceu em Africa? Qual é o profetismo que se pretende, se, todos os indivíduos iluminados, eram perseguidos, presos, deportados, assassinados pelos sistemas coloniais em toda a Africa? Mataram-se os pensadores e todos os saberes africanos na escravidão, genocídios e massacres. No lugar de dizer que os mataram, dizem simplesmente que não há filosofia, colocando-se num grau superior.

Como exemplo, podemos mencionar profetas como Simon Kimbangu,⁷ nascido em Nkamba, Zaire, (1887-1951), que segundo se diz-se, possuía dons espirituais, semelhantes aos de Jesus Cristo e por isso mesmo condenado pelo governo belga, à pena de morte, comutada para 30 anos de prisão, morrendo no total isolamento. Podemos mencionar o profeta Shembe⁸, (1870- 1935), nascido numa família Zulu na África do Sul, que sobreviveu à perseguição das igrejas formais e do apartheid na Africa do sul. Reproduzo aqui as palavras do REV. MPANZA da igreja de Shembe: *a nossa congregação é a primeira que, quando os missionários vieram do exterior, tentando mudar e tentar forçar as pessoas a abandonar a sua cultura e tradição, nós resistimos. Continuamos a adorar a Deus com a nossa própria cultura e tradição.* Podemos ainda mencionar o Arcebispo Milingo⁹ nascido a 13 de Junho de 1930, na Zambia, reduzido recentemente ao estado laico, por se acreditar que era possuidor de espíritos africanos e por isso mesmo, diabólicos.

Com estes casos podemos ver como a Africa tem vindo a ser explorada ao longo dos séculos. Os pensadores africanos foram mortos, escravizados. No lugar de dizer, a Africa não tem filosofia, devia-se antes dizer: a colonização e a escravatura mataram a filosofia africana. As religiões mundiais têm muito orgulho em afirmar que a Africa não conhece Deus, mas deviam antes dizer: usurpamos a ideia de Deus único, aos africanos. Esse conceito de um só Deus foi escrito por um filho de Africa. No lugar de dizer: as religiões africanas não têm livro sagrado, deviam dizer: o Pentateuco, que inicia a Bíblia Sagrada, foi usurpado a um filho de Africa, portanto, veio da Africa o livro sagrado da nossa religião. No lugar de dizer que a África é o continente das trevas, deviam afirmar com gratidão: a luz divina que nos ilumina hoje, foi usurpada dos africanos. As igrejas provenientes da Europa, América, Austrália, no lugar de

⁵ Sheik Mohammad Aminudin - Mohammad o Mensageiro de Deus

⁶ BAUR, JOHN, 2.000 anos de cristianismo em África.

⁷ <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/317913/Simon-Kimbangu>

⁸ http://www.dacb.org/stories/southafrica/shembe_isiah.html

⁹ <http://www.religionnewsblog.com/16053/emmanuel-milingo-excommunicated>

julgar que vêm salvar a África, deviam afirmar: estamos a devolver aos africanos o que lhes roubamos no passado, porque esta religião que hoje professamos, tem na África como ponto de origem. No lugar de afirmar: vamos salvar a África do paganismo, deviam dizer: a África conheceu o cristianismo a mais de 2.000 anos, muito antes de nós, tendo começado no tempo dos apóstolos. Vamos devolver-lhes a dignidade que lhes roubamos.

Concluindo:

Os movimentos africanistas tanto da África como da América, necessitam de analisar estas reflexões com profundidade, de modo a reconquistar a dignidade usurpada e a reclamar os direitos de autor do continente africano diante da história do mundo.

Falar das raízes africanas não é apenas falar do culto aos antepassados. Quando se diz a um africano para fazer o regresso às raízes e a busca da sua identidade, isso deve significar:

- Ir até às raízes da história universal onde a África é o berço da humanidade;
- Ensinar a todas as gerações em todos os lugares, apresentando diferentes provas de que a África é o berço de todas as civilizações;
- Mostrar, com estes exemplos que a África é o berço das maiores religiões universais;
- Que a África é o berço da intelectualidade: Os Dez mandamentos da Lei de Deus foram inspirados em África; Os cinco primeiros capítulos da Bíblia Sagrada e o conceito de Deus único veiculados por Abraão, foram escritos por um filho de África.
- Que o mundo inteiro, no lugar de pregar para a África das trevas, deve começar a pregar a África das luzes, pois a luz que lhe guia, foi usurpada da sabedoria africana.